

A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ



Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Presidente da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Marla Coelho

PORCA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1766

Quarta-feira, 27 de Agosto de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 116 e 117

Nos primeiros meses do ano próximo termina o exclusivo dos fósforos. O caso dos tabacos faz prever que o exclusivo dos fósforos, recomeçará mas modificado para pior

O rôlo dos tabacos?

Lembram-se? Era no tempo da monarquia. A questão dos dinheiros recebidos pelo rei começou por chamar-se o rôlo dos tabacos, depois a confusão dos dois erários e, por último os adeantamentos. Foi ela que deu com a monarquia em terra.

Cá estamos agora outra vez com o rôlo dos tabacos. Não se sabe se o acordo com a Companhia serviu os interesses particulares de alguém, o que se sabe, o que se vê, o que se patenteia à evidência é que depois de o parlamento manifestado a sua discordância com o ponto de vista do ministro das finanças, este manteve o acordo e está resolvido a mantê-lo, sucedendo o que suceder. Egal em desvergona ao que se fez no tempo da monarquia!

Diz o ministro das finanças que não tem maneira legal de suspender o acordo. Desculpa de quem quer fugir ao cumprimento do dever. Reincidente no erro que praticou.

A verdade é esta. O acordo havia tido uma publicação no Diário do Governo, que não era válida porque não tinha sido acompanhada das respectivas tabelas. Discutido o acordo no parlamento é atacado de todos os lados e provoca uma moção o mais ostensivamente desagradável para o ministro das finanças.

Que faz este? Demite-se, como estava naturalmente indicado? Não. Corre à Imprensa Nacional a obter nova publicação do acordo, desta vez com tabelas e tudo para a publicação ficar válida.

Que quer dizer esta teimosia já quando era conhecida a opinião da maioria. Que respeito é esse pelos princípios da democracia parlamentar, senhores defensores da chamada soberania popular ou nacional?

O ministro das finanças, por muito democrático que se diga, não faz senão um acto de ditadura. Conscientemente quando podia evitar que a publicação do acordo se repetisse e ter logo a maneira legal de suspender o acordo, ou antes a de nem sequer o pôr em execução, preferiu manter o mostrengue. E não querem que se façam insinuações, se levantem suspeitas, se ponha em dúvida a honestidade e a lisura com que o contrato foi feito!

Mas não pode o ministro das finanças suspender o acordo? Não é exacto. Desde que foi nomeada uma comissão para o estudar, para remodelar as suas bases e isto em virtude das claras e insofismáveis indicações do parlamento, implicitamente se deduz a caducidade do acordo.

São estes os democráticos que enchem a boca com a palavra república e governo do povo pelo povo e supremacia da vontade da maioria e outros palavrões que não correspondem a nenhuma realidade que assim não publicamente a prova do seu desrespeito pelo parlamentarismo e por todas as balelas e fieções que constituem o seu credo político. O povo que aprende nestas lições de padremestre, já que outra vantagem lhe não advém da vida pública destes estadistas.

CARIDADE BARBARA!

Somos informados de que hoje se lidarão touros em hastes limpas e haverá morte de animais

Não se pode admitir esse espetáculo sangrento!

O nosso protesto dirige-se para a significação moral dessa espécie, como toda a espécie de touradas, dirige-se contra esse bárbaro espetáculo como factor de desmoralização dumha sociedade já desmoralizada em demasia.

Porque a resurreição dos touros de morte é um sinal de lamentável regressão na sociedade portuguesa, porque ela corresponde a uma série de factores de carácter regressivo e antiquado que vão pouco a pouco predominando entre nós, é que *A Batalha* tem o dever de combatê-la, tenazamente, com a máxima energia, com todo o ardor — até vencer!

Não é o facto, embora condenevel, de se matarem touros, que nos leva à indignação. Todos os dias se matam em Lisboa dezenas de animais que se destinam à alimentação. E se fosse apenas a morte do touro que nos fizesse protestar, esse protesto não se limitaria ao caso isolado dos touros de morte, abrangendo os matadouros municipais, as matanças de porcos nas províncias, o aniquilamento de aves e outros animais nos mercados.

Desafiamos o mais fervoroso apaixonado a provar-nos que um touro, um espírito, no meio de uma arena, inchado de vaidade, esperando, como um saltador, o momento propício para imolar um touro, de um bom exemplo de bondade ou contribua para criar no espírito do espectador qualquer sentimento altruísta e útil à sociedade.

A pesar de todos os protestos, despeito da lógica e do bom senso, embora o ministro do Interior se tivesse oposto, somos informados de que na corrida que hoje se realiza serão lidados touros desembalados, rematando pela sua morte.

«Não se preocupem com a morte de touros» — disse-nos há dias alguém que, simpatizando com os idílios avangados, herdou, entretanto, dos seus ascendentes o vício vergonhoso da tourada violenta. «Olhem que há questões de maior interesse a tratar», rematou esse amigo, cheio de excelentes qualidades excepto a de simpatizar com a chacina dos animais.

Um homem obcecado é pior do que o cego, porque, vendo, não quer fitar a luz, conhecendo a verdade, volta-lhe as costas.

Há, de facto muitos assuntos de palpitação interessante a analisar.

NO SUL E SUESTE

Mais 9.201 contos para máquinas-ferramentas

que possivelmente não terão a devida utilidade, por carência de elementos técnicos por parte da entidade que formulou a encomenda. A transferência do local das novas oficinas. Uma proposta que confirma os erros cometidos, mas que contém alegações puramente infantis. Um Conselho de Administração que excede as suas atribuições

Os erros cometidos pela Comissão Administrativa dos Caminhos de Ferro do Estado foram dando lugar a séries de prejuízos a que nos temos referido, nesta questão da construção das novas oficinas, terminando por uma resolução em que os erros técnicos se repetiram. Como se dissesse, do programa do concurso constava também o fornecimento de máquinas-ferramentas a adquirir, não se determinaram as suas dimensões e características e nem tampouco se confiou a uma comissão de técnicos competentes o estudo de tão importante assunto. Nem ao menos o próprio serviço de Material e Trânsito fez a propósito do caso quaisquer averiguações.

E por esta forma ficou o fornecimento das máquinas-ferramentas dependente da vontade das casas fornecedoras, quando o aumento da produção nas oficinas só podia resultar da boa qualidade das máquinas a adquirir.

Efectivados todos os contratos, nas condições desastrosas que já enumeramos, a casa Beardmore, passado algum tempo, iniciou a entrega das armaduras metálicas para os novos edifícios a construir. Isto depois de se ter iniciado o seu prosseguimento.

A proposta da Direcção do Sul e Sueste estava certa porque confirmava as dificuldades que resultariam das obras serem feitas num espaço acanhado, mas parte dos argumentos apresentados para a justificar são verdadeiramente pueris e a conclusão a que a mesma proposta chegou é inaceitável.

Isto prova que o assunto continua sem ser estudado e que tudo se resolvendo ao acaso, sem método, em planos, sem estudos. Deve-se

rejulgos que daí advém constantemente à disciplina, alegação erradamente irrisória e infantil que não podia de modo algum justificar uma transferência tão despendiosa.

Também se iniciou a construção da oficina de reparação de carruagens e vagões. As dificuldades, porém, surgiram, dificuldades já previstas e que se não

quiz atender com a urgência e

interesse que houve em adjudicar,

aos olhos fechados, à casa Beardmore, todos os trabalhos. Em face dessas dificuldades, a Direcção do Sul e Sueste, em 7 de março do ano corrente, dirigiu-se ao Conselho de Administração e propôe a paralisação das obras e a escolha dum outro local para o seu prosseguimento.

A proposta da Direcção do Sul e Sueste estava certa porque con-

firmava a forma precipitada, seguindo-se assim a mesma orientação, reconhecidamente pre-judicial. Tão precipitada é esta resolução que, resolvendo depois que as oficinas fossem estabelecidas em Pinhal Novo.

Isto prova que o assunto continua sem ser estudado e que tudo

se resolvendo ao acaso, sem método,

em planos, sem estudos. Deve-se

rejulgos que daí advém constantemente à disciplina, alegação erradamente irrisória e infantil que não podia de modo algum justificar uma transferência tão despendiosa.

Também se iniciou a construção da oficina de reparação de carruagens e vagões. As dificuldades, porém, surgiram, dificuldades já previstas e que se não

quiz atender com a urgência e

interesse que houve em adjudicar,

aos olhos fechados, à casa Beardmore, todos os trabalhos. Em face dessas dificuldades, a Direcção do Sul e Sueste, em 7 de março do ano corrente, dirigiu-se ao Conselho de Administração e propôe a paralisação das obras e a escolha dum outro local para o seu prosseguimento.

O Conselho de Administração reuniu em 8 de Março p. p. re-

solveu aprovar a proposta da direcção do Sul e Sueste. Esta resolução é tomada dum forma precipitada, seguindo-se assim a mesma orientação, reconhecidamente pre-judicial. Tão precipitada é esta resolução que, resolvendo depois que as oficinas fossem estabelecidas em Pinhal Novo.

Isto prova que o assunto continua sem ser estudado e que tudo

se resolvendo ao acaso, sem método,

em planos, sem estudos. Deve-se

A Associação dos Médicos ao lado da população

contra a falta de escrupulos dos industriais refinadores de açúcar

Temos aqui debatido a maneira indigna como os proprietários de refinarias têm procedido, determinando a refinaria de açúcares de modo a prejudicar gravemente a saúde dos consumidores.

Não se estabeleceu nenhum critério de avaliação dos prédios, servindo como base as rendas antigas, sobre as quais se estabeleceu uma percentagem de aumento. Foram desta forma beneficiados os senhores mais gananciosos e castigados os mais razoáveis.

Precisamente os que carregaram sobre os inquilinos com rendas pesadíssimas terão um maior aumento. E são os inquilinos desses que ficaram colocados na situação de não poderem pagar.

Vai naturalmente produzir-se um movimento de reação. Não pode deixar de ser. A maioria da população não pode pagar o que na lei se estabeleceu e provavelmente não pagará. Vão multiplicar-se as ações de despejo e supondo estultamente o legislador que ia acabar com elas verá o seu número aumentar e a crise do inquilinato agravar-se ainda mais.

E tudo para quê? Para que o senhorio pagasse mais uns miseráveis escudos de contribuição.

Para que ele pagasse mais dez deram-lhe a liberdade de exigir mais cem ao inquilino. Mais valia terem exigido para o Estado vinte directamente do inquilino.

Quando será o dia em que todas estas tramas e mistificações acabarão?

AOS INQUILINOS

Por toda a parte, numa grande esfera, os senhores estão assediando os inquilinos com convites para em virtude da nova lei do inquilinato pagarem o respectivo aumento de renda. Ora é conveniente saber-se que a proposta de emenda à lei do inquilinato não é ainda lei no país. Só o será três dias depois de publicada no Diário do Governo.

No Porto e agora em Lisboa apareceu a venda nas ruas um folheto com a nova lei do inquilinato. Não se trata senão do projecto aprovado não da lei definitiva, cuja última redacção ficou dependente do ministro da justiça, dr. Catano de Menezes. Todas essas publicações antes da Diário do Governo não passam de verdadeiras mistificações, que só servem para fazer o jôgo dos senhores, que se aproveitam da circunstância para aumentarem já as rendas, sem terem os inquilinos em troca as regras que a custa desses excessivos aumentos lhes foram concedidas.

Que, pois, os inquilinos se previnam e se não devem ir no lôgo. Se aí chegar ao dia e não tiverem ainda decorrido três dias sobre a publicação no Diário do Governo da nova lei do inquilinato, ainda nestes pagamento se não terá de efectuar o pagamento do aumento.

Além disso é necessário que o senhorio notifique judicialmente o inquilino com dez dias de antecedência. Enquanto isso se não der, o inquilino só paga a renda actual. E no caso dos senhores se recusarem a receber não há senão que depositar a renda legal.

A lei tal como ficou não representa uma grande vantagem para os inquilinos. Quem com ela mais aproveitou foi o inquilinato comercial. E de toda a justiça

pois que os inquilinos, enquanto ela não fôr lei, se recusem a deixar-se expoliárem pelos senhores.

Quanto ao resto ver-se-há depois. Há inquilinos que, pela sua situação económica, não podem pagar a exorbitância que lhes é agora exigida.

Não se estabeleceu nenhum critério de avaliação dos prédios, servindo como base as rendas antigas, sobre as quais se estabeleceu uma percentagem de aumento. Foram desta forma beneficiados os senhores mais gananciosos e castigados os mais razoáveis.

Precisamente os que carregaram sobre os inquilinos com rendas pesadíssimas terão um maior aumento. E são os inquilinos desses que ficaram colocados na situação de não poderem pagar.

Vai naturalmente produzir-se um movimento de reação. Não pode deixar de ser. A maioria da população não pode pagar o que na lei se estabeleceu e provavelmente não pagará. Vão multiplicar-se as ações de despejo e supondo estultamente o legislador que ia acabar com elas verá o seu número aumentar e a crise do inquilinato agravar-se ainda mais.

E tudo para quê? Para que o senhorio pagasse mais uns miseráveis escudos de contribuição.

Para que ele pagasse mais dez deram-lhe a liberdade de exigir mais cem ao inquilino. Mais valia terem exigido para o Estado vinte directamente do inquilino.

Quando será o dia em que todas estas tramas e mistificações acabarão?

A circulação fiduciária

não será aumentada

Nota oficiosa da secretaria das linhas

As despesas dos terminantes desmentidos opostos por todas as formas de boato tendencioso, que continua a espalhar-se sobre a possibilidade e a intenção de se emitir mais papel-moeda, o ministro das finanças afirma "mais uma vez, e perentoriamente, o propósito de manter, sem o menor desvio, a orientação; que o governo marcou, de não autorizar o aumento da circulação fiduciária, qualquer que seja o motivo invocado. Além disso está na disposição de promover a aplicação das sanções penais aos que levantam e propagam este e outros boatos alarmantes, manifestamente destinados a perturbar e prejudicar a situação económica e financeira do país".

A Associação de Professores de Portugal fará também o mais indignado protesto contra aqueles que arrastaram crianças e velhos das casas de assistência social ao Terreiro do Paço, em triste e aventureiro romaria, pedindo a permissão dos touros de morte, e condena a evolução humana e da inteligência livre.

A Associação de Professores de Portugal fará também o mais indignado protesto contra aqueles que arrastaram crianças e velhos das casas de assistência social ao Terreiro do Paço, em triste e aventureiro romaria, pedindo a permissão dos touros de morte, e condena a evolução humana e da inteligência livre.

Nos Trabalhadores de Imprensa

Lugar à verdade!

Um jornal da noite transformado num tort Chabrol da antiga direcção da Associação dos Trabalhadores de Imprensa, desvirtuou propositalmente o que se

foi verdade, como é aírma, ter Artur Portela emudecido, com o caloroso protesto da assembleia, quando o acusaram de afirmar que os sr. Saúde Júnior e Esculápio mereciam estar na Penitenciária. A verdade é que Artur Portela afirmou, com o apoio caloroso dum o sossiego aprovador de outros, que mereciam a cadeia moral, os que difamaram o grupo de jornalistas profissionais que derribaram a direcção do sr. Esculápio. Trata-se dum mentira que apenas terá a circulação dum jornal que não morre de amores pela verdade.

Os que andaram espalhando ataúdas é que não liveram a coragem de as repetir na assembleia geral porque combater na sombra, pela encruzilhada, é mais fácil do que acusar em plena luz, risto a risto com os visados.

A direcção que foi eleita com os votos das leias de arauha da maioria e com os votos do espírito moderno, pela minoria, é um ponto de interrogação a que nossa curiosidade aguarda, certa ansiedade, uma resposta.

Trabalhadores! Lendo a BATALHA</

CRÓNICA DE HAMOY

APARENCIAS E REALIDADES

A conferência de Londres foi o terreno da luta do capitalismo industrial contra o capitalismo financeiro

Ora das manias dos humanos é mentir. Mentre aos outros e a si próprios. Dir-se-há que experimentam a necessidade de ocultar a verdade aos outros e a si. Uma das causas desta forma de proceder ilha-se na vergonha que têm os humanos dos motivos e móveis das suas ações. Esta vergonha é a resultante da contradição existente entre os motivos e os móveis reais e os declarados, confessados.

Daqui resulta que os humanos se enganam e querem enganar os outros, e que vivem no meio dum mundo de ilusões. A consequência disto é, portanto, uma multidão de êrros e de falhas que incessantemente aumentam as dificuldades da vida colectiva e individual.

O exame superficial do governo dos homens mostra modalidades diversas que podem, desprezando as ligeiras «anuas» que os diferenciam, classificá-los em dois grupos principais: os governos chamados democráticos e parlamentares e os governos autocráticos, ditatoriais, jacobinos. Um exame mais profundo da morfologia governamental mostra que na realidade esta classificação é uma simples ilusão, uma simples aparição.

De facto, por toda a parte e sempre todos os governos se resolvem numa ditadura. São vulgares as ditaduras dum só indivíduo. O que aliás é ainda uma aparição. A ditadura pode exercer-se em nome de um indivíduo mas na realidade é a ditadura dum grupo de indivíduos. Por isso se pode afirmar que as modalidades governamentais se resumem todas sempre, em última análise do pensador, num governo ditatorial dum ou muitos «clans» humanos, governo chamado oligárquico.

Nos países ocidentais, os povos julgam ser soberanos por possuírem o chamado sufrágio universal — ainda uma apariência e uma mentira, porque não é universal — e porque graças ao mesmo, elegeram representantes os quais, segundo se diz, fiscalizam, fazem e desfazem os governos ou ministérios. Mas tudo isto não constitui senão uma série de ilusões.

A realidade é completamente diferente. De facto, os eleitores não escolhem os seus eleitos. São pequenos grupos de indivíduos que os escolhem e actuam por pressão sobre os eleitores. Esta pressão é oculta ou pública, conforme as diversas formas porque é exercida: imprensa, influência económica, individual, influência religiosa, etc.

De facto, os representantes não dirigem os negócios públicos senão com a condição desta direcção se exercer em conformidade com a vontade de pequenos grupos humanos. Os governos são simples agentes de execução destes pequenos «clans». E estes são sempre os detentores da riqueza.

Angustín Ramón,

O exclusivo dos fôfôs

O Sindicato Único Metalúrgico ante a crise de trabalho na indústria

Termina dentro de alguns meses

O exclusivo dos fôfôs termina em Abril de 1925. É sabido que esse odioso monopólio tem sido duma perpétua zombaria para os consumidores. Os fôfôs ou não ascendem, ou queimam os mäos, despedem faiscas para os olhos, incendiando-se dum só vez, incluindo a própria caixa em que são acondicionados.

Os chamados fôfôs amorfos deixaram, há bastante tempo, de aparecer sem que ao público fosse dada qualquer explicação e que o governo interviesse para que elas voltassem ao mercado.

O monopólio tem exercido à vontade todas as tranqueiras, numa confiança de impunidade, que ao confirmar-se revelou o abandonoamento em que cícam os indivíduos que se arrogaram à antipática e nefasta ideia dos governos.

A exemplo do que se fez com os tabacos irá aumentar a immoralidade do monopólio em vez de acabar com ele, seguindo-se o princípio de prejudicar o público para beneficiar penas — uma evidente que roubas e falsifica.

Trabalhadores:

Contribui com I escudo!

Sociedade a Delegação de Saúde e Ministério do Trabalho, não procederem de modo a evitar que se refira à saúde sem atenção pela saúde dos consumidores. Ficamos autorizados a sustentar que neste país desapareceram completamente todo o pudor, sem ter licado, para amostra, um único resquício de vergonha.

Os refinadores de açúcar fiziram todas as diligências para que os consumidores não fossem, fisicamente, prejudicados pela ganância, pela falta de escrupulos e dos industriais. A atitude dessa classe foi nobilíssima. Por isso a U. S. a acompanhou, pois nunca se fuiu a colocar-se ao lado dumta questão tan justa e humanitária.

O ministro do Trabalho e a Delegação da Saúde não porão cõro aos desmandos, a desmandos que são verdadeiros crimes, dos industriais de refinação.

marinha de guerra dinamarquesa

vai ser desarmada?

COPENHAGUE, 26. — O ministro da defesa nacional Rasmussen propôs um plano de desarmamento segundo o qual a frota dinamarquesa seria convertida em polícia da costa, composta especialmente de barcos que fiscalizariam a pesca. Uma frota de polícia substituiria o exercito de terra.

EM LAGOS

A Indiferença do operariado

LAGOS, 23. — É lamentável a atitude que o operariado desta cidade tem tomado no que respeita ao auxílio à A Batalha.

Baldadiamente temos procurado nas listas que todos os dias se publicam alguma que de Lagos. Aparte um ou outro amigo do jornal, que directamente envia o seu óbito, não se vêem mais nomes ou questões que representem a grande maioria do proletariado.

A magia de que estamos possuídos não se pode descrever.

E não acreditamos que o proletariado que agora tanto é A Batalha em virtude da publicação das nossas notícias — desconhece tal assunto.

Não desconhece, estamos certos, e só podemos alcançar de desleixo a falta de cumprimento dos seus deveres como trabalhadores, pois todos sabem ser um deves auxiliar o único jornal que defende os interesses dos oprimidos, e quem por fim acabar de uma vez para sempre com a corrupção sociedade burgo.

O povo de Lagos é que não o entendem assim, e com o indiferentismo que é peculiar, vai pondé de parte tam importante assunto. Não pensa, não vê, que assim contribue para que seja mais demorada a redenção emancipação idealizada por inteligentes camaradas e tam mal compreendida pela maior parte do povo desta terra.

Não podemos ficar estáticos diante de tal problema e procurámos subir junto de alguns militantes dos organismos operários desta localidade, a razão de tal desleixo.

E, com grande espanto, soubermos que estão subscritões abertas na Associação dos Soldados e na Havaneca Pedro Dias, mas que a elas poucos têm accorrido. Foram distribuídas algumas listas pelas obras mais importantes e nada mais.

A classe dos soldados vai reunir no sentido de deliberar sobre o assunto. A construção civil é que pouco se mexe, sendo também para lamentar que os serraleiros se não lembrassem

de abrir quetas nas oficinas onde trabalham.

— Não se querem comprometer — disseram-nos. «Pois é compromisso auxiliar um jornal que os defende dos maiores jesuíticos dos reacionários, da desmoralização dos políticos e dos roubos descarados dos comerciantes? Compreendemos. E' o resultado da propaganda monárquico-religiosa que ultimamente se tem feito e continua a fazer-se, patrocinada até por inconscientes operários enlouquecidos pelo álcool que se vende nas inúmeras tabernas que por aqui se encontram e que os ricos defendem e patrocinam, dizendo serem precisas para os operários se distrairem. Parece mentira, mas é certo, pois que até nos consta que um grupo de operários está promovendo uma festa a Senhora dos Aliados! Isto sem falarmos na festa a Sant'ana da Piedade que os marítimos (?) estão a organizar. Na medida altura faremos destes assuntos que, por sorem da máxima importância, aqui apontamos, apelando para todos os operários conscientes e militantes desta terra para que façam uma intensa propaganda, indo até ao ponto de reclamar das autoridades a proibição de tam nefastos espetáculos que só prejudicam os operários e beneficiam os comerciantes.

E, como era outro o assunto que nos levou a fazer estas pequenas considerações, terminámos fazendo o nosso sincero apelo a todos os trabalhadores e amigos de A Batalha para que imediatamente acorram à Associação dos Soldados a entregar qualquer quantia a favor do jornal, ou à Havaneca Pedro Dias onde se encontra também uma subsecção. Por último instamos com os metalúrgicos para que abram quetas nas oficinas onde trabalham, estendendo-se o nosso apelo aos manufactores de calçado e outros onde estjam reunidos grande número de operários.

Estamos certos que os trabalhadores de Lagos não hão-de permitir que nos incrememos mais, o que bastante nos desagrada, além de que temos que continuar no programa que encetámos, dos dos deuses ou pelo menos adivinhá-los para conhecer o poder da influência da Finança sobre o governo dos homens. Hoje em dia mostra-se evidente aos olhos de todos. Ninguém pode ter dúvida.

Toda a gente sabe que na Conferência de Londres os ministros das nações procuraram, não entendendo-se entre si, mas os meios de obedecerem às ordens dos banqueiros internacionais. A obediência resultou difícil, por causa da situação do sr. Herriot para com um grupo influente de senadores e de deputados que representam, não os seus eleitores, como estes julgam, mas sim os interesses dum «clan» industrial francês — O Comité das Forças.

A Conferência de Londres é o terreno da luta do «clan» capitalista industrial contra o «clan» capitalista financeiro. Os homens políticos, diplomatas e outros, são simples agentes de execução, destas potências, que estes querem.

Constitui também o Secretariado a liberação do operário carpinteiro Adolfo do Carmo, que se encontra preso no governo civil em consequência do passado domingo não se ter descoberto a bandeira nacional no largo da Estréla.

Também este Secretariado tratou do expediente diverso existente.

Secção de Federações

Reuniu hoje, pelas 21 e meia horas, os delegados que no Conselho Central representam Federações, Sindicatos Nacionais e isolados, sendo indispensável a comparecência de todos.

C. O. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem reuniu este Secretariado, conjuntamente com a comissão pró-presos e o advogado dr. Campos Lima (porque o dr. Sobral de Campos faltou mais uma vez) e com a família de Domingos Silva, fuzilado nos Olivais, a fim de tratar do depósito de importância obtida pela solidariedade prestada pela classe operária para com os filhos daquele operário.

Resolviu também suspender o sócio José Júlio Natário, até à primeira assembleia geral.

Liga dos Oficiais da Marinha Mercante.

Reuniu em assembleia geral que tratou do parecer do C. T. (cartas de categoria). Em face de um artigo publicado no jornal «A Tarde» de 26 de corrente, acerca das ferias concedidas à Comissão Liquidatária da frota mercante, resolveu a assembleia manter-se em sessão permanente reunindo hoje pelas 15 horas.

CONVOCACOES

Federação da C. Civil.

Comissão administrativa, — Reuniu hoje, pelas 21,30 horas.

Sociedade dos camteiros.

— Só convidados a reunir hoje, pelas 20 horas, os camaradas inscritos na secção como sem trabalho, para efeito de colocação devendo também comparecer o secretário desta secção profissional.

Sociedade dos pintores.

Não se tendo realizado a assembleia geral deste organismo por motivos imprevistos, fica a referida assembleia transferida para a próxima sexta-feira, 29 de corrente.

Secção profissional dos serventes.

— A comissão administrativa convida todos os camaradas serventes sócios desta secção, e que se encontram sem trabalho a viram à sede inscrevem-se no boletim sem trabalho, encontrando-se todos os dias um delegado permanente no gabinete da direcção, das 21 às 23 horas.

Cantores e polícias de marmores.

— São convidados a reunir um delegado por cada oficina ou obra, pelas 20 horas, devendo também comparecer o delegado do Alto de São João, António Leite, Devido aos assuntos a tratar devem comparecer todos os delegados.

Federación do Calçado, Couros e Peles.

— Reuniu hoje a comissão administrativa, às 21 horas.

Federación do Livro e do Jornal.

— Secretariado, — Reuniu, às 21 horas, com os agregados nomeados na última reunião do conselho federal, para iniciar os trabalhos das conferências inter-sindicais gráficas.

Operários do Music pio.

— Realizou-se hoje, às 21 horas, a assembleia geral de todo o organismo, para a comparação de todos os operários sindicados, pois que há assuntos de grande interesse para a classe a tratar.

Manipuladores de Pão.

— Reuniu-se hoje, às 20,30 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º — Apreciação do relatório dos delegados ao Congresso Nacional Metálico.

2.º — Leitura do parecer da Comissão Revisora de contas da gerência de 1923 e leitura dos balancetes do primeiro trimestre.

3.º — Nomeação de cargos vagos na Comissão Administrativa e outros assuntos de interesse para a classe e organização.

Fábrica de Letras de Coimbra.

O dr. sr. Joaquim de Carvalho foi exonerado, a seu pedido, de secretário da faculdade de letras de Coimbra e foi confirmada a eleição do dr. sr. Carlos Simões Ventura para esse cargo.

Círculo escolar das Caldas da Rainha.

Foi nomeado inspector interino do círculo escolar das Caldas da Rainha, o professor da Sancha Grande, sr. Ivo Mendes.

Nesta assembleia, tratou-se-há da criação de trabalho e suas determinantes e os efeitos que ela produzirá na classe.

8' manha NO EDEN TEATRO
(Telefone N. 5800)
Primeira representação
da revista em 2 actos e 9 quadros
SORTE GRANDE
original de Armando Neves
e Lopes Soares
BILHETES JÁ A VENDA

Um polícia
agredido a tiro

O guarda cívico 641, da esquadra da Mouraria, João dos Santos, 26 anos, natural da Pampilhosa da Serra, residente na rua do Terreiro, n.º 30, 1.º, que andava de giro, pelas 21,30 horas, na rua Fernandes da Fonseca, repreendeu uns indivíduos que ali andavam brincando. Pouco tempo depois foi atingido com quatro tiros, três nas costas e um no braço esquerdo.

Como suspeita de ter sido o agressor foi preso Luís de Jesus Pimenta, 29 anos, natural de Gelerico da Beira, trabalhador na Exploração do Porto de Lisboa, residente no bairro dos Paços, à ruas do Viegário, o qual apresenta várias espécies de agressões da polícia.

Conduzidos ao hospital foram pensados no Banco, recolhendo o polícia a sala de observações e o suposto agressor a enfermaria n.º 7, do hospital do Desterro.

• • •

Classes que reclamam

Manipuladores de Pão

Os membros da comissão de melhoramentos e em especial os camaradas que compõem a comissão elaboradora do relatório sobre trabalho diurno, devem comparecer hoje no Terreiro do Paço pelas 10 horas, para conferência com o ministro da Agricultura.

Secção Profissional dos Pedreiros

Rúiu a assembleia geral da Secção Profissional dos Pedreiros, para tratar da questão do aumento de salário. Resolviu a assembleia reclamar dos mestres de obras e proprietários uma resposta definitiva e urgente no respeitante à melhoria económica e que o aumento seja feito pelo síndico — mas alto que existe na classe dos pedreiros.

IMPRENSA

The Times of Portugal

Iniciou a sua publicação em Lisboa o jornal intitulado «The Times of Portugal», que se destina a tratar de assuntos comerciais e desportivos a fim de complementar a sessão que se interessam pelos destinos da sociedade, e que têm acompanhado com desvio todos os acontecimentos que ultimamente se têm desenrolado na colectividade.

Igualmente a comissão dirigiu um convite à actual comissão administrativa nomeada pelo governador civil, desejando de esperar que os seus membros aqueles ao pedido formulado e que na assembleia exponham não só os seus pontos de vista acerca dos destinos da sociedade, mas ainda os factos anormais que porventura já tenham apurado, e que são da responsabilidade das direcções transactas.

A sessão não se limita apenas aos sócios auxiliares, pois sabemos que igualmente foram convidados os sócios efectivos, onde esperam que se congreguem todos no louável e nobre objectivo de acudir aos interesses de tam prestimosas instituições.

A sessão não se limita apenas aos sócios auxiliares, pois sabemos que igualmente foram convidados os sócios efectivos, onde esperam que se congreguem todos no louável e nobre objectivo de acudir aos interesses de tam prestimosas instituições.

VIDA POLÍTICA</div

A BATALHA NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

NA FIGUEIRA DA FOZ

Uma grandiosa sessão de propaganda sindicalista

Aos operários da indústria da construção civil e ao povo em geral

FIGUEIRA DA FOZ, 22 — (atrasado) — O operariado da Figueira vai despedir-se para as lutas sindicais em prol de uma sociedade mais justa, mas cheia de moral e de equidade. Porém, não sómos nós quem a afirmamos plotticamente nessa correspondência. São os próprios palavreados e indestrutíveis que o afirmam exuberantemente, na realização de uma grandiosa sessão com uma assistência superior a 400 pessoas. Número bastante grande se tivermos em conta, que as classes operárias nesta cidade há muito jazem na apatia e na desorganização — ou dizendo melhor, sem organização.

A vasta sala da Associação de Classe dos Carpinteiros Civis da Figueira da Foz, um pouco antes da hora marcada para o inicio da sessão já tinha muita gente. E assim, quando se chegou à hora anunciada pelo manifesto distribuído pelas ruas e afixados pelas paredes, a sessão teve começo, sendo presidida pelo camarada Guilherme Macau e secretariando Mário dos Santos e João Cardoso.

O primeiro orador foi o camarada Luis Gonzaga, delegado da Federação da Construção Civil.

Este camarada começou por enumerar as diversas anomalias da sociedade burguesa, anomalias que por capricho de uma casta parasitária e egoísta, se reflectem por uma fórmula tan grande e desumanizada nas classes produtoras que fazendo estas tudo o que há no céu da terra, nada gozam nem nada disfrazam!

Como é possível — diz — que sejam os que trabalham que vivam mais miseravelmente, enquanto aqueles que nada fizeram vivem num luxo estonteante que deprava?

E continua, explicando detalhadamente, os diversos crimes da sociedade atual, as diversas fórmulas e rotuluras das sociedades presentes, fazendo referência sobre a ação do infante capital que provoca o crime no homem e a prostituição na mulher.

Depois, refere-se ao abandono a que as classes operárias têm deitado as suas regalias. História e comentaria as diversas lutas encetadas pelos trabalhadores desde os tempos mais remotos até à época presente, e termina apelando para que os trabalhadores da Figueira se organizem, para assim ajudarem a construção da sociedade nova, baseada no trabalho, na Liberdade e na Justiça.

Ergue ainda um viva às classes operárias da Figueira, sendo entusiasticamente secundado pela numerosa assistência.

A seguir, fala o camarada João M. Alves, também delegado da Federação da Construção Civil.

Este camarada faz detalhadas considerações sobre as origens das regalias das classes trabalhadoras que necessitam viver livremente. Apresenta ainda, como um exemplo frisante da putrida sociedade, o facto de à hora em que os trabalhadores ali reunidos procuraram conhecer os problemas da vida que lhe dizem respeito — se estavam jogando nos cassinos e casas de jogo frequentadas por parasitas, verdadeiras fortunas que são o suor vertido pelo trabalhador do campo e da oficina. Referem-se ainda, largamente, à magnífica obra dos republicanos que intrajaram escan-

MARINHA GRANDE

Uma sessão de propaganda sindical

Fizeram uso da palavra delegados das Federações da Construção Civil e Metalúrgica

MARINHA GRANDE, 25 — No dia 20 mingo teve lugar no Teatro Stefenes uma sessão de propaganda, presidida por José Francisco Azevedo, e secretariado por David Rino e Aires Ribeiro.

Eram 17 horas quando foi dada a palavra a Luis Gonzaga, delegado da Federação da Construção Civil.

Começa por dizer que lamenta profundamente, tam pouco os operários da sua indústria estarem presentes, quando tanta necessidade há em que todos os trabalhadores se organizem.

Lamenta o facto de na Construção Civil ainda se trabalhar mais do que oito horas, e também em haver tamanha disparidade de salários.

Alarga-se depois em considerações de carácter ideológico, citando o caso de Balthazar Rodrigues, de 39 anos, serra-lheiro, rua da Amendoeira, 34, 2º, que caiu na calçada da Mouraria ficando muito contuso no joelho direito.

Diz também que é necessário juridicamente haver alguém que nos defenda e para isso, a Confederação tem dois advogados.

Cita o facto da imprensa ser na sociedade contemporânea aquela força que mais contribui para o progresso, mas que actualmente, como a burguesia veio a ser, portanto compete-nos a nós suavizar as agravas da família daquelas que caem nas garras da polícia.

Diz também que não pode conceber esse propósito acintoso de as «forças vivas» guerrares aquelas que pensam desempoderadamente preconizando uma Sociedade mais bela.

Cita por último o facto de ele estar ali fazendo propaganda sindicalista-revolucionária, e não levar a mal nem combater aqueles que à manha preconizam uma sociedade mais perfeita ainda porque o propagar-se o sindicalismo não quer dizer que todos os manifestações progressistas do homem em tal se encerrem, pois que é condição natural do homem o evoluir progressivamente.

Termina fazendo votos para que os camaradas da sua indústria sintam as suas palavras, ingressando no respectivo Sindicato, levantando por último um vibrante voto à organização local que foi corresp. ndo.

Faz em seguida uso da palavra Francisco Viana, da Federação Metalúrgica.

Diz que o fazer-se a propaganda da organização de todos os trabalhadores, implicitamente se está fazendo propaganda sindicalista-revolucionária.

Reporta-se ao facto de considerarem o palavrão Sindicalismo por um cavalo do Apocalipse que arrasta, que arraste, e que éles sindicalistas sejam as feras que matem, chacinem, incendeiem e bebam o sangue das suas vítimas.

Eles propagandistas não são mais do que aqueles que apresentando a verdade a qual é, querem a Bondade e o Amor finalmente implantos na Terra. Termina apelando para a organização dos trabalhadores da Figueira, erguendo-se numerosos vivas ao operariado da Figueira, Coimbra e organização em geral. Houve ainda vivas à A Batalha e à Confederação.

E assim terminou a grandiosa sessão de propaganda que a Federação da Construção Civil e um grupo de operários conscientes resolvem levar a efeito, na cidade da Figueira aonde, como está succedendo em todos a parte, o operariado é sacrificado aos interesses da burguesia depravada e corrupta.

Refere-se aos filhos dos burgueses, tam corados e gordos, e faz um paralelo para mostrar a disparidade que existe na criança proletária que é anêmica e raquitica.

Aprecia a função da autoridade e da-

queles camaradas armados que — há pouco também saídos — o vigiam de um inimigo da sociedade.

Eles propaga — continua — uma sociedade harmônica e mais justa, onde se encontra a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Terminou saudando a autoridade, que atenciosamente o escutou, e bem assim os camaradas que ali estavam fardados, mantenedores da ordem, levantando por último um caloroso viva à organização local que foi freneticamente correspondido.

Faz por último uso da palavra João Miranda, secretário geral da Federação da Construção Civil.

Explica o que é a função da Federação e para que se destina a sua voz.

Diz que há quase sempre pioneiros a ferros, e portanto compete-nos a nós suavizar as agravas da família daquelas que caem nas garras da polícia.

Diz também que é necessário juridicamente haver alguém que nos defenda e para isso, a Confederação tem dois advogados.

Cita o facto da imprensa ser na sociedade contemporânea aquela força que mais contribui para o progresso, mas que actualmente, como a burguesia veio a ser, portanto compete-nos a nós suavizar as agravas da família daquelas que caem nas garras da polícia.

Diz também que não pode conceber esse propósito acintoso de as «forças vivas» guerrares aquelas que pensam desempoderadamente preconizando uma Sociedade mais bela.

Cita por último o facto de ele estar ali fazendo propaganda sindicalista-revolucionária, e não levar a mal nem combater aqueles que à manha preconizam uma sociedade mais perfeita ainda porque o propagar-se o sindicalismo não quer dizer que todos os manifestações progressistas do homem em tal se encerrem, pois que é condição natural do homem o evoluir progressivamente.

Termina fazendo votos para que os camaradas da sua indústria sintam as suas palavras, ingressando no respectivo Sindicato, levantando por último um vibrante voto à organização local que foi corresp. ndo.

Faz em seguida uso da palavra Francisco Viana, da Federação Metalúrgica.

Diz que o fazer-se a propaganda da organização de todos os trabalhadores, implicitamente se está fazendo propaganda sindicalista-revolucionária.

Reporta-se ao facto de considerarem o palavrão Sindicalismo por um cavalo do Apocalipse que arrasta, que arraste, e que éles sindicalistas sejam as feras que matem, chacinem, incendeiem e bebam o sangue das suas vítimas.

Eles propagandistas não são mais do que aqueles que apresentando a verdade a qual é, querem a Bondade e o Amor finalmente implantos na Terra. Termina apelando para a organização dos trabalhadores da Figueira, erguendo-se numerosos vivas ao operariado da Figueira, Coimbra e organização em geral. Houve ainda vivas à A Batalha e à Confederação.

E assim terminou a grandiosa sessão de propaganda que a Federação da Construção Civil e um grupo de operários conscientes resolvem levar a efeito, na cidade da Figueira aonde, como está succedendo em todos a parte, o operariado é sacrificado aos interesses da burguesia depravada e corrupta.

Refere-se aos filhos dos burgueses, tam corados e gordos, e faz um paralelo para mostrar a disparidade que existe na criança proletária que é anêmica e raquitica.

Aprecia a função da autoridade e da-

queles camaradas armados que — há pouco também saídos — o vigiam de um inimigo da sociedade.

Eles propaga — continua — uma sociedade harmônica e mais justa, onde se encontra a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Terminou saudando a autoridade, que atenciosamente o escutou, e bem assim os camaradas que ali estavam fardados, mantenedores da ordem, levantando por último um caloroso viva à organização local que foi freneticamente correspondido.

Faz por último uso da palavra João Miranda, secretário geral da Federação da Construção Civil.

Explica o que é a função da Federação e para que se destina a sua voz.

Diz que há quase sempre pioneiros a ferros, e portanto compete-nos a nós suavizar as agravas da família daquelas que caem nas garras da polícia.

Diz também que é necessário juridicamente haver alguém que nos defenda e para isso, a Confederação tem dois advogados.

Cita o facto da imprensa ser na sociedade contemporânea aquela força que mais contribui para o progresso, mas que actualmente, como a burguesia veio a ser, portanto compete-nos a nós suavizar as agravas da família daquelas que caem nas garras da polícia.

Diz também que não pode conceber esse propósito acintoso de as «forças vivas» guerrares aquelas que pensam desempoderadamente preconizando uma Sociedade mais bela.

Cita por último o facto de ele estar ali fazendo propaganda sindicalista-revolucionária, e não levar a mal nem combater aqueles que à manha preconizam uma sociedade mais perfeita ainda porque o propagar-se o sindicalismo não quer dizer que todos os manifestações progressistas do homem em tal se encerrem, pois que é condição natural do homem o evoluir progressivamente.

Termina fazendo votos para que os camaradas da sua indústria sintam as suas palavras, ingressando no respectivo Sindicato, levantando por último um vibrante voto à organização local que foi corresp. ndo.

Faz em seguida uso da palavra Francisco Viana, da Federação Metalúrgica.

Diz que o fazer-se a propaganda da organização de todos os trabalhadores, implicitamente se está fazendo propaganda sindicalista-revolucionária.

Reporta-se ao facto de considerarem o palavrão Sindicalismo por um cavalo do Apocalipse que arrasta, que arraste, e que éles sindicalistas sejam as feras que matem, chacinem, incendeiem e bebam o sangue das suas vítimas.

Eles propagandistas não são mais do que aqueles que apresentando a verdade a qual é, querem a Bondade e o Amor finalmente implantos na Terra. Termina apelando para a organização dos trabalhadores da Figueira, erguendo-se numerosos vivas ao operariado da Figueira, Coimbra e organização em geral. Houve ainda vivas à A Batalha e à Confederação.

E assim terminou a grandiosa sessão de propaganda que a Federação da Construção Civil e um grupo de operários conscientes resolvem levar a efeito, na cidade da Figueira aonde, como está succedendo em todos a parte, o operariado é sacrificado aos interesses da burguesia depravada e corrupta.

Refere-se aos filhos dos burgueses, tam corados e gordos, e faz um paralelo para mostrar a disparidade que existe na criança proletária que é anêmica e raquitica.

Aprecia a função da autoridade e da-

queles camaradas armados que — há pouco também saídos — o vigiam de um inimigo da sociedade.

Eles propaga — continua — uma sociedade harmônica e mais justa, onde se encontra a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Terminou saudando a autoridade, que atenciosamente o escutou, e bem assim os camaradas que ali estavam fardados, mantenedores da ordem, levantando por último um caloroso viva à organização local que foi freneticamente correspondido.

Faz por último uso da palavra João Miranda, secretário geral da Federação da Construção Civil.

Explica o que é a função da Federação e para que se destina a sua voz.

Diz que há quase sempre pioneiros a ferros, e portanto compete-nos a nós suavizar as agravas da família daquelas que caem nas garras da polícia.

Diz também que é necessário juridicamente haver alguém que nos defenda e para isso, a Confederação tem dois advogados.

Cita o facto da imprensa ser na sociedade contemporânea aquela força que mais contribui para o progresso, mas que actualmente, como a burguesia veio a ser, portanto compete-nos a nós suavizar as agravas da família daquelas que caem nas garras da polícia.

Diz também que não pode conceber esse propósito acintoso de as «forças vivas» guerrares aquelas que pensam desempoderadamente preconizando uma Sociedade mais bela.

Cita por último o facto de ele estar ali fazendo propaganda sindicalista-revolucionária, e não levar a mal nem combater aqueles que à manha preconizam uma sociedade mais perfeita ainda porque o propagar-se o sindicalismo não quer dizer que todos os manifestações progressistas do homem em tal se encerrem, pois que é condição natural do homem o evoluir progressivamente.

Termina fazendo votos para que os camaradas da sua indústria sintam as suas palavras, ingressando no respectivo Sindicato, levantando por último um vibrante voto à organização local que foi corresp. ndo.

Faz em seguida uso da palavra Francisco Viana, da Federação Metalúrgica.

Diz que o fazer-se a propaganda da organização de todos os trabalhadores, implicitamente se está fazendo propaganda sindicalista-revolucionária.

Reporta-se ao facto de considerarem o palavrão Sindicalismo por um cavalo do Apocalipse que arrasta, que arraste, e que éles sindicalistas sejam as feras que matem, chacinem, incendeiem e bebam o sangue das suas vítimas.

Eles propagandistas não são mais do que aqueles que apresentando a verdade a qual é, querem a Bondade e o Amor finalmente implantos na Terra. Termina apelando para a organização dos trabalhadores da Figueira, erguendo-se numerosos vivas ao operariado da Figueira, Coimbra e organização em geral. Houve ainda vivas à A Batalha e à Confederação.

E assim terminou a grandiosa sessão de propaganda que a Federação da Construção Civil e um grupo de operários conscientes resolvem levar a efeito, na cidade da Figueira aonde, como está succedendo em todos a parte, o operariado é sacrificado aos interesses da burguesia depravada e corrupta.

Refere-se aos filhos dos burgueses, tam corados e gordos, e faz um paralelo para mostrar a disparidade que existe na criança proletária que é anêmica e raquitica.

Aprecia a função da autoridade e da-

Lisboa na rua

O famoso capitão Vilar

continua agredindo soldados impunemente

Várias vezes aqui nos temos referido às agressões violentas do capitão Vilar aos soldados, seus subordinados, do batalhão de sapadores de Caminho de Ferro. Este é um autêntico bruto que refugia os seus maus instintos nos seus galões de capitão. Aproveitando o posto que tem na tropa é um verdadeiro carasco para os soldados. Como o código militar parece ter sido redigido para o para selvagens — todas as suas selvagens são asseguradas com a maior das impunidades.

Esse indivíduo conquistou o direito de fazer dos soldados o que lhe apetece. Os famosos homens da «ordem» os grandiosos patriotas à «contrade» como o tenente-coronel sr. Raúl Esteves deixam este bruto exercer a vontade a sua brutalidade, esse cruel exercer-se é um requintadíssimo crueldade. A disciplina para o sr. Raúl Esteves pode rever-se neste explodido espírito: um capitão, contumacamente, a espancar soldados e os solados, inviabilmente, a amarrar, a apontar, a apedrejar, a agredir com uma bengala o mesmo soldado, em silêncio, dor e humilhação da serem agredidos.

Há dias, no referido batalhão, o

